

PROJETO MEMÓRIAS DA CIDADE: PELOTAS ATRAVÉS DA VOZ DE SEUS MORADORES.

POMATTI, Angela B.¹; DUARTE, Maurício²; VARGAS, Mariluci C³.; LONER, Beatriz A⁴; GILL, Lorena A⁵.

¹UFPeI – Núcleo de Documentação Histórica – angelapomatti@yahoo.com.br

²UFPeI – Núcleo de Documentação Histórica – maumaununes@yahoo.com.br

³UFPeI – Núcleo de Documentação Histórica – marilucivargas@yahoo.com.br

⁴UFPeI – Núcleo de Documentação Histórica – loner@ufpel.edu.br

⁵UFPeI – Núcleo de Documentação Histórica – lgill@terra.com.br

1. INTRODUÇÃO

Desde a sua criação, no ano de 1990, o Núcleo de Documentação Histórica da UFPeI (NDH) vem se dedicando a pesquisas que têm como metodologia principal a História Oral, de tal forma que reúne acervos os mais variados, tendo como temáticas a História da Universidade, gênero, imigração e movimentos sociais.

No entender de seus pesquisadores faltava, no entanto, um projeto mais amplo que possibilitasse compreender a história da cidade de Pelotas através da voz de seus moradores, que atuaram em áreas e setores os mais diversos, construindo um espaço multifacetado.

O projeto, que contou com o apoio da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio Grande do Sul – FAPERGS -, tem como objetivo, através dos depoimentos preservar e divulgar as experiências desses depoentes, para que as mesmas sirvam de referência e embasamento para futuras pesquisas. Esses depoimentos serão armazenados no Centro de Memória Digitalizada, que estamos buscando constituir. Os depoimentos foram gravados também em meio digital, ficando registrados nos computadores do Núcleo de Documentação Histórica, podendo futuramente ser consultados até mesmo à distância.

2. MATERIAL E MÉTODOS

No projeto utilizamos principalmente a técnica de História Oral de Vida (VON SIMSON, 1988), marcada por ser mais subjetiva que objetiva, pois é o depoente que conduz a entrevista (MEIHY, 1996), revelando aquilo que considerou mais marcante em sua trajetória.

Segundo Loriga (1998, p. 225), “após um longo período de desgraça, durante o qual os historiadores se interessaram pelos destinos coletivos, o indivíduo voltou hoje a ocupar um lugar central em suas preocupações”. Sendo assim, houve uma redescoberta da biografia, que permitiu, segundo a mesma autora, pesquisas com história oral, cultura popular e história das mulheres, antes não consideradas tão relevantes para o campo historiográfico.

Para as entrevistas foram elaborados roteiros nos quais se encontram perguntas semelhantes, pois, por se tratar de História Oral de Vida, todos foram construídos a partir de uma espécie de cronologia que abordava tempos diferentes

da vida, como infância, adolescência, maturidade, trabalho e outras questões gerais. Porém, a forma como o depoente conduzirá a entrevista, que caminhos ele trilhará, são difíceis de serem definidos. Conhecermos mais sobre as gerações anteriores, através da narração, é fundamental para entendermos a atualidade (BENJAMIN, 1993).

Acabado o processo de entrevistas passamos a nos dedicar às transcrições do material gravado em fita cassete. Depois de completada a transcrição, a entrevista é enviada ao depoente, para que o mesmo faça nela as modificações que achar conveniente. Utilizamos ainda do gravador digital, o qual possibilita descarregar as falas diretamente em um computador.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

A primeira tarefa foi a seleção dos depoentes, cujo critério utilizado pelo grupo foi o de diversificação, que permitisse abranger aspectos diferenciados da realidade social, buscando as diferentes visões sobre as modificações ocorridas em Pelotas no século XX. Fazíamos um contato prévio com o depoente escolhido, buscando saber sobre atividades que este realizou na sociedade para assim complementar o roteiro.

Os roteiros foram preparados com antecedência, individualmente, mas tendo como base uma ordem cronológica, a qual já fizemos referência, depois eram inseridos outros pontos, que seriam desenvolvidos pelo entrevistado. O local das entrevistas era escolhido pelo depoente, buscando assim que o mesmo se sentisse o mais confortável possível. A grande maioria foi realizada na casa dos depoentes, nos proporcionando assim uma leitura visual e complementar na forma como determinados objetos se apresentam em sua moradia.

Foram realizadas doze entrevistas, e todas elas já transcritas, e com cartas de cessão assinadas, possibilitando que as mesmas possam ser usadas em futuras pesquisas.

A primeira entrevista realizada teve como depoente Aldyr Garcia Schlee, 71 anos, nascido em Jaguarão. Schlee foi professor universitário, bacharel em Direito, desenhista, escritor, redator e editor - entre outras funções - de jornais como *A Opinião Pública*, em Pelotas, além de ter sido Pró-Reitor de Extensão da Universidade Federal de Pelotas. Em 1953 venceu o concurso nacional de desenho para a escolha do uniforme da seleção brasileira de futebol, que é o modelo "canarinho" que persiste até hoje, com algumas alterações. Esta foi uma entrevista atípica, pois, pela quantidade de pontos contidos no roteiro, foram necessários quatro encontros para cumpri-la, resultando em 11 horas de gravação e cerca de 120 páginas transcritas.

A segunda entrevista foi realizada com o depoente João Manuel da Cunha, 61 anos, professor da UFPel no curso de Letras. Além dessa função, o mesmo já participou de atividades relacionadas ao cinema, sendo formado bacharel em Direito. Uma coisa interessante que se descobriu na entrevista é que João foi o primeiro presidente do Diretório Central dos Estudantes, na década de 1960, quando a Universidade de Pelotas tinha os seus cursos vinculados à Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS).

O depoente Afonso Pedroti, de 85 anos, natural de Canguçu, foi o nosso terceiro entrevistado. A história de vida de seu Afonso foi marcada pela sua

participação na Segunda Guerra Mundial, sendo pracinha da Força Expedicionária Brasileira (FEB), atuando na Itália.

A quarta entrevista foi realizada com Orvandır Sebaje, 79 anos, conhecido como Vando. Este nos narrou a sua participação na Banda União Democrata - que está em funcionamento desde 1896 – , em que atua desde os 17 anos. O referido depoente é o integrante mais antigo da banda, e por isso nos descreveu as mudanças da vida dos músicos, com o avanço da tecnologia.

Dona Irmã Buchweitz, de 85 anos, foi a nossa quinta entrevistada. Esta entrevista teve um caráter coletivo, pois além de Dona Irmã participaram suas filhas, que a ajudaram a recompor as lembranças. O encontro foi realizado na Colônia Aliança, e a depoente nos descreveu, como descendente de alemães, como estes faziam para manter os costumes e a língua. Outra grande contribuição dada por ela diz respeito à organização da tradicional festa alemã, *Kolonistenfest*, realizada no dia do colono, 25 de junho, desde 1934, da qual seu marido, já falecido, Max Buchweitz, foi um dos fundadores.

O sexto depoente foi Pedro Quintana Alves, de 86 anos, natural de Bagé, que veio para Pelotas trabalhar no frigorífico Anglo. Esse frigorífico era uma indústria importante que movimentou a economia da cidade na década de 1950, exportando para diversos países e contribuindo para a formação urbana da região portuária de Pelotas. O senhor Pedro acompanhou mudanças importantes na cidade no que diz respeito à introdução de novas tecnologias e à diversificação econômica, sentida de forma diversa pelos trabalhadores.

Valter Guaraci Sobreiro Júnior, de 61 anos, foi o nosso sétimo entrevistado. Além de professor e escritor, participou efetivamente da produção teatral da cidade de Pelotas, como roteirista e diretor em vários festivais, bem como estando à frente do Teatro Escola de Pelotas por vários anos.

Na oitava entrevista novamente nos voltamos para a temática da cultura alemã e da *Kolonistenfest* , colhendo o depoimento de Walter Coswig, de 90 anos. Também morador da Colônia Aliança, sua família foi uma das fundadoras da festa, e este nos falou como a evento funcionava e as mudanças que ocorreram na mesmo no decorrer dos anos.

Terezinha Ruas, de 71 anos, foi a nossa nona entrevistada. Na sua história de vida nos narrou a sua infância, vivida na antiga casa dos Antunes Maciel, onde se localiza hoje o Museu da Baronesa, já que seus pais eram caseiros da chácara dessa família ligada à elite pelotense.

Manoel Coelho, 65 anos, narrou sua história de vida em quatro encontros. O mesmo foi militante contra a ditadura militar quando era estudante universitário. Este descreveu as dificuldades do período, no qual fez, inclusive, uma viagem à China para fazer o curso de preparação política, através do PC do B (Partido Comunista do Brasil), momento em que discutiam a teoria marxista, as perseguições, as prisões e o exílio, que sofreu por se opor ao governo ditatorial brasileiro.

A décima primeira entrevista foi feita com Ramon Ortiz, 75 anos, que nos narrou a trajetória do seu trabalho na ferrovia, contando através da sua vida a evolução da Estação Ferroviária de Pelotas, hoje extinta, mas que no passado foi de grande importância para o transporte e urbanização da cidade de Pelotas e de toda a região.

A última entrevistada foi Zeli Franco Garcia, de 71 anos. Ela foi fundadora, juntamente com outras militantes, do Grupo Autônomo de Mulheres de Pelotas (GAMP), que tem como um de seus objetivos combater a violência doméstica contra a mulher. Ex-coordenadora do Conselho Estadual de Mulheres do Rio Grande do

Sul, ganhou o prêmio “Mulher Cidadã” em 2002, por sua participação na defesa desta causa.

4. CONCLUSÕES.

A meta inicial de realização de doze entrevistas foi cumprida, sendo completado o trabalho de transcrição, justamente a etapa mais cansativa do processo, pois para cada hora gravada são necessárias oito horas para a degravação. Todos os depoentes nos autorizaram a utilizar as entrevistas, através das cartas de cessão. O resultado final resultou em aproximadamente 32 horas gravadas e cerca de 500 páginas transcritas. Outra coisa que nos anima é que se alguns desses depoimentos não fossem colhidos, neste momento, estariam perdidos para sempre, tendo em vista a idade avançada de muitos dos nossos entrevistados. Por causa do conteúdo subjetivo das falas, não há uma contestação do que revelam, apenas as comparamos com os dados obtidos em outros documentos, pois, como é óbvio, cada depoente enxerga de maneira diferente as modificações que vivenciou.

O material obtido certamente servirá de fonte para inúmeras pesquisas, sendo que algumas das entrevistas já foram utilizadas em trabalhos monográficos. Através dos depoimentos é possível perceber a riqueza destas vidas, que formam uma espécie de mosaico de experiências, que com certeza trarão novas perspectivas de análise para futuros trabalhos sobre assuntos regionais.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.

BENJAMIN, Walter. *Magia e Técnica, Arte e política*. São Paulo: Brasiliense, 1993.

CONSTANTINO, Núncia Santoro. Narrativa e história oral. *Revista do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas*. Porto Alegre: UFRGS, v.16. nº 1, 1997, p. 115-126.

HOBSBAWM, Eric. *Era dos Extremos. O breve século XX (1914-1991)*. São Paulo. Companhia das Letras, 1995.

LORIGA, Sabina. A biografia como problema. In: REVEL, Jacques (Org.). *Jogos de escalas: a experiência da microanálise*. Rio de Janeiro: Editora Fundação Getúlio Vargas, 1998. P. 225-249.

MEIHY, José Carlos. *Manual de História Oral*. São Paulo: Edições Loyola, 1996.

VON SIMSON, Olga. *Experimentos com história de vida (Itália- Brasil)*. São Paulo. Vértice, 1988.